

NEWS

Obituário do aviso afixado

Em memória do papel que esteve pendurado em portas e paredes.

3 de setembro de 2026, Tobias Engl



Despedimo-nos do aviso impresso. Esteve pendurado em portas, montras e quadros de avisos, muitas vezes torto, por vezes durante anos, e cumpriu o seu dever sem se queixar. Agora deixa-nos, em silêncio, tal como chegou... com um pedaço de fita-cola ou um pionés no canto.

Há que reconhecer-lhe uma coisa: era pouco exigente. Não precisava de eletricidade, de rede nem de palavra-passe. Quem tinha algo a comunicar escrevia-o, imprimia-o, colava-o, e pronto. «Encerrado para férias», «É favor tocar à campainha», «Tinta fresca». Gerações inteiras deixaram-se guiar por ele e, na maioria das vezes, o que lá estava escrito estava certo.

Fiel era, mas raramente atual. A promoção de há dois meses continuava pendurada quando há muito já vigorava outra. Na montra, desbotava até o vermelho se tornar rosa e já ninguém conseguir ler o número de telefone. Quem o quisesse alterar precisava de impressora, tesoura e mão firme.

A sua tarefa passa agora para um ecrã. Este mostra o que vale hoje, não o que valia na primavera, e muda no preciso momento em que algo muda. Fala várias línguas, aumenta de tamanho quando alguém vê mal e não desbota à luz. O que o aviso queria, ele consegue finalmente: estar sempre certo.

O aviso deixa atrás de si uma parede vazia e um pouco de fita-cola difícil de tirar. Devemos-lhe muito e desejamos-lhe o descanso que mereceu. Que amareleça suavemente, lá onde vão parar as coisas antigas que cumpriram o seu dever.